

# A História e a Tradição Institucional na Concepção da Exposição “Biodiverdade: Conhecer para Preservar” do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

The history and institutional tradition in the conception of the exhibition “Biodiversity: knowing to preserve” at the Museum of Zoology of the University of São Paulo

**Marcus Soares <sup>a</sup>, Sandra Escovedo Selles <sup>b</sup>, Martha Marandino <sup>c</sup>**

<sup>a</sup> Museu da Vida Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, Rio de Janeiro, Brasil; <sup>b</sup> Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói – RJ, Brasil; <sup>c</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, Brasil

**Resumo.** Este trabalho se propõe a compreender o processo de produção do discurso expositivo com foco na diversidade biológica da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo - MZUSP, a partir da sua história expositiva e institucional. Para tal empreendimento utilizou-se de fontes documentais e depoimentos orais de seis sujeitos que estiveram envolvidos na elaboração e concepção da exposição. Além disso recorreu-se a descrições de exposições anteriores a estudada neste artigo. A partir do cruzamento destes dados foi possível identificar que as pesquisas institucionais, as antigas exposições, seus objetos, determinados conteúdos, conhecimentos, narrativas, a temática da biodiversidade e as tradições acadêmicas pertencentes ao universo dos museus de História Natural foram componentes expressivos na composição do discurso expositivo da atual exposição. Ao final pode-se perceber que o MZUSP é um espaço de memória e, parece mesmo cumprir o papel de manter e transmitir determinadas heranças culturais relacionadas aos caminhos da História Natural, da Biologia, da Taxonomia e o conhecimento particular do ofício da taxidermia. Isto evidencia que o processo de elaboração da nova exposição não “inaugurou” ou criou uma narrativa “puramente” genuína sobre a biodiversidade, mas sim que produziu novos sentidos com base na narrativa anterior e nos demais repertórios de saberes e de práticas de seus elaboradores.

**Palavras-chave:**  
exposição,  
biodiversidade, museus  
de história natural;  
história institucional.

**Submetido em**  
02/11/2023

**Aceito em**  
23/01/2025

**Publicado em**  
15/04/2025

**Abstract.** This work proposes to understand the process of producing exhibition discourse with a focus on biological diversity in the exhibition “Biodiversity: knowing to preserve”, at the Zoology Museum of the University of São Paulo (MZUSP), taking its exhibitory and institutional history as a starting point. For this undertaking, documentary sources and oral statements from six subjects who were involved in the preparation and conception of the exhibition were used. In addition, descriptions of exhibitions prior to the one studied here were consulted. By cross-checking these data, it was possible to identify that institutional research, former exhibitions, their objects, certain content, knowledge and narratives, the theme of biodiversity and the academic traditions that belong to the universe of Natural History museums were significant components in the composition of the exhibition discourse of the current exhibition. Finally, it can be seen that the MZUSP is a space for memory and that it does indeed appear to fulfil the role of maintaining and transmitting a particular cultural heritage related to the paths of Natural History, Biology, Taxonomy and the particular knowledge of the craft of taxidermy. This demonstrates that the process of preparing the new exhibition did not “inaugurate” or create a “purely” genuine narrative about biodiversity, but rather that it produced new directions based on the previous narrative and on other repertoires in the knowledge and practices of its creators.

**Keywords:** exhibition;  
biodiversity, natural  
history museums;  
institutional history.

## Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa que objetivou compreender o processo de produção do discurso expositivo o processo de produção do discurso expositivo com foco na diversidade biológica da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP. Para este texto, o recorte recai sobre a história expositiva e institucional deste museu, considerando que a instituição que deu origem a esse estudo possui 134 anos e mostra características que permitem classificá-la como um museu de História Natural. Deste modo, o artigo objetiva discutir a produção do discurso expositivo e tecer reflexões que contribuam para o campo de pesquisa de educação em museus.

A pesquisa foi desenvolvida, tomando como referência alguns estudos anteriores realizados pela equipe de investigação, que destacam o quanto demandas internas ou externas à instituição, ou mesmo demandas da sociedade ou de instâncias superiores, incidem sobre a produção de exposições em museus e definem os temas para uma exposição (Mortensen, 2010; Achiam & Marandino, 2013). Também fazem parte deste processo de negociação as tradições institucionais, as tradições que os campos de conhecimento que caracterizam os diferentes tipos de museus carregam e os diferentes públicos para os quais uma exposição é pensada. É importante frisar que as disputas entre conhecimentos, entre o entendimento do que são o museu e suas exposições, do papel social, comunicacional e educacional destas instituições expressam discursos que se materializam nas atividades museais, o que denominamos “discurso expositivo” (Marandino, 2017). De fato, outras formas de disputas e relações de poder entre diferentes atores na elaboração das exposições existem e intervêm no discurso expositivo demandando uma análise minuciosa para que essas disputas sejam explicitadas (Marandino, 2001). Ou seja, estudos para entender as exposições devem incluir esforços para examinar o processo de produção desta atividade educativa e comunicacional (Achiam & Marandino, 2013), visto que as informações científicas vinculadas às exposições estão permeadas por interesses institucionais, por políticas de ciência e tecnologia, de cultura e de educação, por agências de financiamento públicas e privadas, constituindo esse discurso expositivo.

Um aspecto relevante que se considera ao abordar a temática sobre exposições é o papel da curadoria e dos sujeitos envolvidos na elaboração destas atividades educativas museais. Quando estes atores selecionam e organizam os objetos a serem expostos, é preciso que os curadores tenham o cuidado, de construir meios de aproximar a narrativa expositiva ao dia a dia dos seus públicos. Para o autor George Hein (1998), os museus e suas exposições precisam operar como espaços de aprendizado onde informação, diversão e contemplação gerem estímulos e novas experiências. Os curadores devem planejar diversas maneiras de atrair seus visitantes, utilizando uma variedade de recursos interativos que promovam a reflexão e a construção de saberes.

Nas próximas seções apresentamos elementos históricos que justificam a existência de museus de História Natural e a escolha do museu, objeto desta pesquisa. Mobilizando o quadro teórico de análise de Basil Bernstein, articulamos fontes documentais e fontes orais que são a base da metodologia empregada, destacando a opção pela instituição e pelos

participantes. Os resultados desta investigação mostram possibilidades de diálogos entre a temática expositiva e a historiografia da instituição, nela incluindo os sujeitos participantes, como modo de compreender o seu discurso expositivo.

## Os Museus de História Natural

Os museus de História Natural, criados na Europa ao longo dos séculos XVIII e XIX, têm forte associação com a constituição e a consolidação da História Natural como ciência, e influenciaram a criação e o estabelecimento dos museus no Brasil (Lopes, 2009). Para Schwarcz (1993), os museus de História Natural brasileiros nascem com características dos museus etnográficos, filiados às pesquisas biológicas e com os parâmetros evolucionistas – lamarckistas e darwinistas - que eram discutidos em centros de pesquisas europeus e americanos.

Remontando ao processo de institucionalização histórica dos museus, Cazelli (2005) e Schwarcz (1993) reafirmam o argumento de que os museus de História Natural europeus têm sua origem, no séc. XVIII, ligada aos gabinetes de curiosidade, um investimento privado efetuado por representantes da nobreza. As autoras assinalam que a saída das coleções das mãos dos nobres e sua inserção com o trabalho dos naturalistas nas universidades, no cuidado e na organização dessas coleções, conferem um novo estatuto para a História Natural. Por meio dos vínculos estabelecidos entre os naturalistas e as universidades, a partir do séc. XVIII, as coleções começaram a ganhar novas formas de organização baseadas nas fronteiras das áreas do conhecimento e da pesquisa.

As mudanças no interior dos museus de História Natural foram marcantes na historiografia dos museus de ciências no mundo. Um primeiro passo decisivo nestas mudanças é apontado por Valente (1995) quando Carlos Lineu (1707 – 1778), frente aos objetivos científicos de classificação dos espécimes, desenvolve seu trabalho conhecido como *Systema Natural*, “fornecendo os princípios da moderna classificação e trazendo ordem e entendimento ao mundo natural”. Carlins (2015) acrescenta que os conhecimentos científicos originários dos séculos XVIII e XIX, como por exemplo os trabalhos de Lineu, Georges-Louis Leclerc – o conde de Buffon (1707 - 1788) e Charles Darwin (1809 - 1882), criaram mais distinções entre diferentes disciplinas, geraram mais áreas e pesquisas específicas, reverberando dentro dos museus e em suas exposições. No bojo destas mudanças, vale citar a forma como as coleções científicas deixaram de ser expostas de maneira repetitiva e passaram a ser organizadas em exposições que se inspiravam, por exemplo, nas ideias evolutivas de Charles Darwin<sup>1</sup> (Valente, 2003). Em outras palavras, falar do desenvolvimento da História Natural é entender a interrelação entre o trabalho dos naturalistas e a guarda de suas coleções nos museus, não apenas como um espaço para mantê-las, mas como espaço social compartilhado entre eles para o aprofundamento de seus estudos e a formulação de teorias sobre o mundo vivo.

---

<sup>1</sup> Um caso clássico são a classificação e a identificação dos espécimes de tentilhões, trazidos por Darwin de sua passagem pelo arquipélago de Galápagos, pelo ornitólogo John Gould (1804-1981) à Geological Society of London em 1837.

Gradativamente, a característica dos museus de História Natural, especialmente por possuírem grandes coleções foi permitindo a documentação da diversidade biológica e a organização de sistemas de referência para diversas pesquisas, bem como na criação e no desenvolvimento de diferentes áreas da Biologia, Antropologia, Etnologia, Paleontologia, entre outras. Para Alves *et al.* (2014), em um mundo contemporâneo onde a biodiversidade vem sofrendo ameaças constantes, as coleções de História Natural possuem um papel fundamental. Não é por outra razão que esta tipologia de museus e, consequentemente, seu acervo científico, estejam vinculados a universidades e ao crescimento de comunidades científicas que foram se forjando nessa interação. Um significativo patrimônio científico salvaguardado por esses museus está ligado aos departamentos e laboratórios destas instituições de ensino, pesquisa e extensão, sendo que parte dos objetos de suas coleções é aproveitada “nas apresentações públicas, mas permanecem como importantes elementos de pesquisa” (Valente, 2008, p. 55).

As características do museu selecionado neste estudo, suas tradições naturalísticas e de pesquisa, suas coleções e a maneira como estes elementos se associam às concepções educacionais e comunicacionais das exposições são centrais. De igual modo, sua história institucional e a sua expografia influenciaram a elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, que é o objeto de estudo deste artigo. O MZUSP possui uma característica marcante quando se trata de pensar o tema da biodiversidade em sua história institucional.

O tema da biodiversidade se apresenta consolidado em exposições concebidas e realizadas anteriormente por sua equipe. A primeira exposição que tratou do tema foi a “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo” aberta ao público de 2002 e desde então, o tema da biodiversidade faz parte do repertório comunicacional das exposições do MZUSP. Sua presença nas narrativas expositivas relaciona-se ao fato de o museu ser detentor da maior coleção zoológica neotropical do mundo, tendo como particularidade o entendimento de que a criação e a manutenção de suas coleções se tornam fundamentais para a preservação da biodiversidade. É relevante dizer que estas coleções, que ajudam a constituir o MZUSP e seu próprio corpus de trabalho e produção acadêmica, foram organizadas ao longo de décadas de pesquisas, conferem uma identidade própria ao museu, tanto no que diz respeito à produção de conhecimento biológico quanto seu compromisso com a socialização deste conhecimento.

Vale destacar que com o objetivo de transformar os museus de ciências e de História Natural em espaços educativos, os atores que pensam e elaboram exposições têm sido desafiados a repensar a forma de apresentar as coleções, incorporando práticas de curadoria que estimulam o público a se envolver ativamente com o conhecimento científico (Batista *et al.*, 2021). Nesse contexto, os museus não são mais vistos apenas como repositórios de objetos, mas como locais de produção de sentido e de aprendizado, que favorecem experiências científicas, de maneira dinâmica e acessível, ao público visitante. Além disso, existe um grande desafio que se coloca os elaboradores de exposições e educadores científicos ligado à necessidade de aproximar as exposições de questões sociais e ambientais relevantes da contemporaneidade, como as mudanças climáticas e a preservação da biodiversidade. Para isso, os museus de ciências, por meio de suas exposições, devem articular não só os aspectos

conceituais, mas também as dimensões culturais e sociais ligadas à biodiversidade (Marandino, 2005). Alguns museus de ciências, como exemplo o Museu da Vida Fiocruz, têm procurado trabalhar com o conceito de curadoria com participação social (Batista et al., 2021), o que permite que a educação nos museus promova uma abordagem crítica e reflexiva, incentivando os visitantes a se tornarem agentes ativos na construção de seu conhecimento e na preservação da biodiversidade. A diversificação de públicos, incluindo pessoas de grupos sociais marginalizados, tem sido outro desafio enfrentado, exigindo adaptações na linguagem e nas formas de acesso ao conhecimento (Batista et al., 2021).

Considerando o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo um museu de história natural com as características anteriormente expostas e que enfrenta desafios para incluir os elementos críticos e reflexivos na concepção de suas exposições, cabe aqui a questão que conduziu a investigação proposta e que ajuda entender como a atual exposição foi concebida: Quais interesses, concepções e histórias institucionais influenciaram a elaboração da nova exposição aberta ao público em 2015?

## Aspectos metodológicos

A produção de dados desta pesquisa lançou mão de fontes documentais da própria instituição e depoimentos orais. Sendo assim, foram realizadas entrevistas com os seis participantes envolvidos na elaboração e execução da proposta da exposição. A análise de dados documentais disponíveis sobre a nova exposição do MZUSP foi colocada em diálogo com estudos sobre as antigas exposições do próprio museu feitos a partir de trabalhos acadêmicos. A riqueza dos dados produzidos permitiu que organizássemos a análise dos resultados em duas diferentes etapas que dialogam quando levamos em consideração as histórias e as tradições científicas do corpo de trabalhadores do museu e de suas exposições. Na primeira etapa foi realizada a análise documental e, na segunda, a realização das entrevistas. Estas análises permitiram, por um lado, compreender como a história institucional do MZUSP e suas tradições científicas foram determinantes para a concepção da atual exposição e, por outro lado, explicitar o processo de concepção da exposição aqui estudada e de que maneira as exposições anteriores tiveram influência nesta concepção. Entende-se que a heterogeneidade dos dados levantados na pesquisa apresenta vantagens no que tange à identificação de padrões nas exposições elaboradas pela equipe do museu, entendendo assim as correlações expográficas e possibilitando uma análise mais complexa e específica do processo de elaboração da exposição estudada.

Os documentos impressos analisados foram disponibilizados pela equipe da Divisão de Difusão Cultural (DDC) do MZUSP e são os seguintes: (1) documentos referentes ao processo de elaboração da exposição; (2) memorial descritivo para a contratação da empresa responsável pela expografia; e (3) planta baixa da exposição. Sobre a descrição das antigas exposições desse museu foi observado o detalhamento feito por Marandino (2001) da primeira exposição de longa duração do museu, conhecida como “Exposição pública” que ficou aberta de 1941 a 1999 e, por Marandino et al. (2009) e Martins (2006) da segunda exposição de longa duração “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo”

que ocupou o museu de 2002 a 2011. Estes trabalhos mostraram, de maneira geral as características de cada módulo expositivo.

Com a ajuda das fontes acima citadas, passamos a investigar se existem padrões que se repetem, ao longo do tempo, na maneira de expor e na forma de comunicação do museu com seu público. Esta reflexão pode indicar até que ponto as tradições, as histórias das exposições do MZUSP e a temática da biodiversidade foram importantes para a concepção da atual exposição.

Os participantes desta pesquisa fizeram parte do processo de concepção da exposição e dos três comitês (ou grupos de trabalho), o de criação<sup>2</sup>, o administrativo e o de acervo. Além dos profissionais que atuam no museu, foi entrevistado também um profissional da Expomus, empresa privada responsável pela criação da expografia, cenografia, iluminação, comunicação visual e montagem da exposição.

A fim de atender às normas éticas de conduta de pesquisa e garantir o sigilo da identidade dos participantes, cada entrevistado foi identificado pelas letras “M” seguida de um número. Por uma questão de manutenção do anonimato dos entrevistados, tomou-se por decisão neste trabalho utilizar sempre o gênero masculino ao se referir a um participante da pesquisa, independentemente do sexo (Quadro 1).

**Quadro 1.** Perfil dos entrevistados com a participação nos comitês. Dados coletados a partir das entrevistas.

Sujeitos	Graduação	Pós-graduação	Instituição	Espaço de atuação (na época da inauguração)	Tempo na instituição (em anos)	Comitê
M1	Biologia	Doutorado em Zoologia	MZUSP	DDC	11	Todos
M2	Biologia	Mestrado em Museologia	MZUSP	DDC	8	Todos
M3	Biologia	Doutorado em Zoologia	MZUSP	Docente	45	Criação
M4	Biologia	Pós-graduação em Arqueologia (não especificado)	MZUSP	DDC	9	Acervo
M5	História	Mestrado em Museologia	Expomus	Núcleo de Museologia	11	----
M6	Medicina Veterinária e Direito	Não especificado	MZUSP	Administrativo	6	Administrativo

<sup>2</sup> Para o processo de concepção da nova exposição de longa duração do museu, foi criado um grande comitê curatorial, composto por membros dos laboratórios do MZUSP, que se reuniu em um primeiro momento para se pensar o tema, nome da exposição, conceito gerador etc. Em um segundo momento, foram criados os três comitês: de criação, acervo e administrativo.

As entrevistas aconteceram entre novembro de 2017 e agosto de 2018 e foram gravadas em áudio, com duração média de uma hora e meia. Posteriormente, os áudios foram transcritos e organizados, gerando o material para a análise das falas. Com o objetivo de zelar pela dimensão ética da pesquisa e salvaguardar os interesses dos participantes deste estudo, todos os entrevistados assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dando autorização para o uso das informações como fonte de consulta e de material desta pesquisa. Com a assinatura do documento, assumimos o compromisso de manter o anonimato dos participantes garantindo que todas as informações pessoais e profissionais ficassem protegidas.

Em relação aos documentos analisados para este artigo, foi disponibilizado pela Divisão de Difusão Cultural - DDC, os registros das quatro primeiras reuniões do grande comitê curatorial, quando estiveram presentes representantes de quase todos os laboratórios que compõem a Divisão Científica, membros da DDC, representantes de discentes da pós-graduação e do setor administrativo. Estes documentos permitiram identificar o processo de construção da narrativa expositiva, como ocorreu a definição dos módulos e os conceitos principais selecionados, a escolha do nome da exposição e os objetos das coleções do museu que estariam disponíveis para compor a narrativa.

Além dos registros acima, tivemos acesso ao memorial descritivo que fornecia detalhes sobre a exposição e que alicerçava o edital de licitação para a contratação da empresa especializada em projetos museográficos. Por último, também foi disponibilizada uma apresentação, em PDF, sobre a nova exposição do MZUSP que explica o seu processo de elaboração. Esses documentos foram bastante valiosos para compreender a maneira como ocorreram as decisões, bem como as influências que os diferentes atores e acervos tiveram no processo de elaboração da exposição do MZUSP. Outro trabalho importante na construção dos dados desta pesquisa foi a minuciosa observação realizada nesse museu, com registro detalhado da exposição, na qual cada “seção”, de cada módulo, foi fotografada, assim como todos os objetos e textos. Dessa maneira, garantimos o registro dos módulos inteiros, dos diferentes subtemas de cada “seção”, dos objetos e dos textos a eles vinculados. Para possibilitar uma análise substantiva, construímos planilhas para cada módulo com seus respectivos objetos e textos, assegurando a descrição detalhada de toda a exposição.

## Referencial de análise

No contexto da educação formal, a maneira com que se constitui o discurso pedagógico é um tema amplamente estudado por diferentes teorias e vertentes da pesquisa educacional. Estudos com foco no currículo são alguns daqueles que tem se dedicado a entender como se dá a seleção do que e do como ensinar a partir de diferentes autores, entre eles Basil Bernstein.

Alguns estudos na área da educação museal têm se utilizado do aporte teórico de Basil Bernstein para efetuar uma análise das relações de poder que permeiam os processos de seleção, estruturação e organização de conteúdos que circulam nas atividades educativas dos museus, incluindo suas exposições (Marandino, 2001, 2015; Martins, 2011; Pugliese, 2015; Souza, 2017). Considera-se que as exposições dos museus têm uma função educacional e

comunicacional, sendo este fato já amplamente evidenciado pela literatura sobre o tema (Hopper-Grenhill, 1994; Davallon, 2010). Nessa perspectiva, as especificidades das exposições a caracterizam como um espaço de formação humana, onde se materializam as seleções e as escolhas de determinados conhecimentos e práticas, evidenciando estratos das relações de poder no interior destas instituições.

Estudar a formação de um discurso expositivo pressupõe um investimento que se ocupe mais especificamente da identificação dos tensionamentos e das disputas que ocorrem entre os diferentes agentes da comunicação pedagógica de uma exposição, as quais interferem na sua constituição. Além disso, entender que o discurso expositivo, ao ser reproduzido, passa por diferentes processos de mudanças, releituras e reinterpretações ajuda a reconhecer os agentes e as agências que operam estas mudanças e nos levam a compreender o porquê de determinadas escolhas e da predominância de determinadas vozes, agentes e agências sobre outras no discurso apresentado ao público (Marandino, 2001). Por esses condicionantes, buscou-se apoio no trabalho desenvolvido por Basil Bernstein, mais especificamente o conceito de Dispositivo Pedagógico. Para Bernstein (1988) existe um dispositivo de condução interna da comunicação que interfere e altera a mensagem que será transmitida, ou seja, existem agentes internos da comunicação pedagógica que interferem no discurso que será reproduzido. No caso dos museus, o Dispositivo Pedagógico permite analisar não só o ponto de partida do processo de elaboração da exposição e o resultado final, mas também a trajetória de seu desenvolvimento, suas arenas de disputa, seus processos de negociação, sua estrutura de poder e controle na criação desta atividade educativa em museus. (Martins, 2011; Marandino, 2015; Souza, 2017).

Para este trabalho entende-se que o discurso pedagógico é um princípio de recontextualização que se apropria de outros discursos, que são realocados e refocados, criando assim um discurso que não mais se identifica com nenhum dos discursos anteriores (Bernstein, 1998). Nessa perspectiva, observando esta ordem interna de criação, é que consideramos aqui o discurso expositivo similar ao que o autor considera como discurso pedagógico que ocorre numa conformação escolar.

## Resultados e discussão

Nesta seção, apresentamos os resultados em três dimensões investigativas. A primeira apresenta os antecedentes da exposição biodiversidade obtidos por meio da análise documental do MZUSP e registros de literatura. Na segunda, analisa-se a terceira exposição do museu, para então, na última seção, serem discutidos os discursos expositivos da atual exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, objeto principal deste artigo.

### Tradições e histórias se combinam na inspiração da nova exposição.

Nesta seção, recorremos à história do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e das suas próprias exposições de forma cronológica, utilizando recortes temporais e suas temáticas, tessitura que permite entender o caminho que se seguiu até a atual exposição. A trajetória de construção e elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”

é influenciada pela história institucional e pela tradição desta instituição em pesquisa zoológica, principalmente no que se refere à Sistemática e Taxonomia e à Evolução, conforme observado anteriormente.

O Museu de Zoologia da USP foi criado em 1969, quando seu acervo zoológico saiu da guarda do Departamento de Zoologia, da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo e foi doado para a Universidade de São Paulo, sendo instalado em um prédio próprio onde funciona até hoje. O museu possui, atualmente, uma das maiores coleções zoológicas da América Latina e é reconhecido pelo Ministério do Meio Ambiente brasileiro como fiel depositário desse patrimônio genético. Seus pesquisadores desenvolvem diversas pesquisas nas áreas de Biologia, Paleontologia, Biologia evolutiva e Ecologia, assim como seus trabalhos são referência nos estudos sobre Biodiversidade, Sistemática e Taxonomia animal (Landim, 2011).

As exposições de longa duração do MZUSP sempre tiveram como característica principal a apresentação de seu eclético acervo zoológico, que tem sua origem no século XIX. Landim (2011) informa que o acervo de Joaquim Sertório<sup>3</sup> (1827 - 1905) se juntou com a coleção de “um certo senhor Pessanha” e ainda com o acervo do Museu Provincial<sup>4</sup>, que ficava sob a tutela da Sociedade Auxiliadora do Progresso da Província de São Paulo. Estas três coleções formaram o que se chamou, em 1891, de Museu do Estado e, passados alguns anos, em 1894, denominou-se Museu Paulista (Landim, 2011). Para essa autora, a coleção não era exclusiva de Zoologia, mas tinha a característica de um acervo de Museu de História Natural, pois havia um grande conjunto de peças de Botânica, Geologia, Mineralogia, Etnografia, entre outros. Estas coleções foram separadas e distribuídas para outras instituições.

Em São Paulo, as diversas coleções do Museu Paulista referentes a diferentes ramos da História Natural (botânica, mineralogia, zoologia, arqueologia e etnologia) seguiram caminhos próprios em instituições mais focadas como o Instituto Biológico, o Instituto de Geociências, o Museu de Zoologia e o Museu de Arqueologia e Etnologia, os três últimos hoje sob a chancela Universidade de São Paulo. Essa divisão explica em parte a inexistência de um Museu de História Natural atualmente em São Paulo. (Landim, 2011, p.207)

Segundo a Landim, em 1939, o Museu Paulista criou o Departamento de Zoologia, ligado à Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo. Nesse mesmo ano o prédio do atual museu começou a ser construído e sendo finalizado em 1941. Desde então, o museu se tornou o depositário da coleção zoológica do Departamento de Zoologia. Apesar do MZUSP estar ligado a uma secretaria de estado, desde 1934 ele já era considerado como uma unidade complementar da Universidade de São Paulo, mas somente em 1969, sob a direção do Prof.

---

<sup>3</sup> O coronel Joaquim Sertório fez parte da Guarda Nacional brasileira, no estado de São Paulo, a partir da metade do século XIX. No mesmo período, foi homem de negócios e político nas cidades de Limeira e de São Paulo, onde ocupou os cargos de deputado provincial e de vereador. Era proprietário de diversos imóveis, sendo um deles, posteriormente, ocupado pelo Museu Sertório. Faleceu aos 78 anos na cidade de São Paulo. Ver: Carvalho, P. (2015) *De uma “Cientificidade difusa”: o coronel e as práticas colecionistas do Museu Sertório na São Paulo em fins do século XIX*. Anais do Museu Paulista. 23 (2). 189-210.

<sup>4</sup> O museu tinha esse nome, pois o estado de São Paulo era uma província do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e posteriormente do Império do Brasil. Deixou de ser província e passou à condição de estado somente no final do século XIX.

Paulo Emílio Vanzolini, o museu foi de fato absorvido pela universidade. (Almeida, 2004; Landim, 2011).

Com a incorporação do museu pela universidade, o Museu de Zoologia da USP passa a ter um *status* de instituição de pesquisa e, com o passar dos anos, os cientistas que nele trabalhavam se envolveram em importantes projetos de pesquisas, realizaram muitos estudos de campo que agregaram novas espécies às suas coleções, aumentando significativamente seu acervo. Atualmente, o acervo zoológico do MZUSP é considerado referência para os estudos da fauna neotropical e é visto como uma das maiores coleções do mundo desse gênero. (Almeida, 2004; Landim, 2011)

Desde que passou a pertencer a universidade, o MZUSP contou com três exposições de longa duração, 23 temporárias e cinco itinerantes<sup>5</sup>. As duas primeiras de longa duração foram a “Exposição pública”, que se manteve aberta à visitação no período de 1941 a 1999, e exposição “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo”, aberta ao público de 2002 até 2011. A terceira e atual exposição, objeto de estudo desse artigo, tem por título “Biodiversidade; conhecer para preservar” e foi inaugurada no ano de 2015. Para se entender o contexto que motivou sua criação, recorremos a documentos que acessamos ao longo da pesquisa, aos dados obtidos em entrevistas realizadas com profissionais do museu e às histórias de exposições temporárias. Destas, principalmente, as duas exposições de longa duração anteriores à atual foram uma fonte fundamental para este trabalho.

A primeira exposição de longa duração do MZUSP tinha como foco a apresentação de uma grande coleção zoológica e era organizada de forma sistemática, característica marcante de um Museu de História Natural (Figura 1). Os animais, em sua grande maioria, eram apresentados em uma diversidade de vitrines e de diferentes maneiras (taxidermizados, em meio líquido, esqueletos etc.). Para Marandino (2001), a concepção de sua exposição expressava “fundamentalmente a concepção da Biologia e da museologia dos séculos XVIII e XIX, já que possui características físicas bastante comuns aos tradicionais Museus de História Natural” (p. 152). O próprio MZUSP define em seu site a “Exposição pública” da seguinte maneira:

A primeira exposição pública oferecida pela instituição teve sua origem vinculada à transferência das coleções zoológicas da antiga Seção de Zoologia do Museu (do estado do sudeste) para o então recém inaugurado prédio do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo (atual Museu de Zoologia). A partir do mobiliário histórico proveniente também do Museu Paulista, novos conjuntos de vitrines foram incorporados, para abrigar uma grande diversidade de espécimes de animais taxidermizados, organizados e exibidos em ordem taxonômica<sup>6</sup>.

Para Landim e Elias (2012) a “Exposição pública” não tinha nenhum compromisso em instituir um diálogo com o público visitante, visto que uma visão tradicional na forma de expor era comum nos museus universitários.

---

5 Fonte: [http://www.mz.usp.br/?page\\_id=1472](http://www.mz.usp.br/?page_id=1472), acessado em 11/09/2019.

6 Texto retirado do site do MZUSP em 01/03/2024 (<https://mz.usp.br/exposicoes/exposicao-publica-1941-1999/>).



**Figura 1.** Exposição universal do MZUSP de 1941 até 1999.

A partir de 1998, mudanças ocorridas no museu impactaram diretamente a “Exposição pública”. Houve a criação da Divisão de Difusão Cultural (DDC), onde estavam alocados o serviço educativo e o de museologia do MZUSP, e que eram os responsáveis por desenvolver ações que visavam uma melhor comunicação interna e externa à instituição. Uma das ações iniciais do primeiro chefe da DDC foi propor melhorias e mudanças na exposição, que foram rechaçadas pelos pesquisadores da instituição. Entretanto, um problema de infraestrutura provocou o fechamento de parte do salão de visitação, o que fez com que o MZUSP realizasse melhorias, principalmente, nesse aspecto. Com o fechamento para visitas, outras alterações aconteceram e que foram fundamentais para que uma nova exposição ocupasse o espaço do museu. O entrevistado M3 nos disse que:

Quando desabou o teto da sala [Salão de exposições], todos concordaram que estava na hora de mudar, e aí, eu comecei a perceber as contradições, “puxa, uma exposição nova é legal, mas essa exposição aqui tem 100 anos! Você não pode passar por cima dela assim”. Então, tinha uma parte querendo manter a tradição, e a outra parte querendo partir para vitrina de esquadria metálica. Aí, por falta de dinheiro, não tinha dinheiro para fazer vitrina nova, e nós usamos todo o mobiliário original do museu. O [museólogo], num arroubo de criatividade usou aquele material antigo, reformando, reformulando o espaço, criando um negócio que não existia, que era um percurso dentro da exposição. Então, quando essas ideias surgiram, quer dizer, “agora nós teremos uma nova exposição”, foi aí. (M3).

Nesse contexto, as mudanças no salão de exposição foram acontecendo. Reuniões ocorreram para que se definissem o tema, o acervo, o mobiliário e a narrativa de uma nova exposição. Entre o fechamento de parte do museu e a inauguração da exposição, passaram-se 4 anos. A montagem completa da exposição ““Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo” levou 10 meses. Sobre a definição do tema e da narrativa da nova exposição, o entrevistado MU3 diz que:

Vou ser absolutamente franco, tinha, obviamente, tinha uns [pesquisadores] que queriam fazer uma exposição sobre coleções, o que teria muito a ver. Outros queriam [uma exposição] de Evolução, outros queriam assim... mas o bom senso geral caiu sobre o tema biodiversidade porque era moda. Seria mais fácil a gente vender, entre aspas, o conceito [biodiversidade] do

que um negócio altamente acadêmico, que biodiversidade naquela época era o papo de todos os cantos, o Brasil tem a maior biodiversidade do mundo e não sei o que. (M3).

Pode-se constatar que diferentes razões influenciaram a definição e a escolha do tema central da nova exposição. O tema da biodiversidade já fazia parte das discussões e das ações educativas do museu. A diversidade e a abundância do acervo zoológico, e a própria tendência nas discussões acadêmicas sobre a importância e visibilidade social da biodiversidade no início desse século, foram decisivos na eleição do tema central da exposição.

Com o intuito de ajudar no entendimento do processo de elaboração, concepção e seleção de conteúdos e objetos da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, dialogaremos ao longo desta análise com as descrições da exposição “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo”. Ressaltamos que, mesmo sendo anterior à exposição estudada, lançamos mão das análises que foram realizadas por Martins (2006) em sua dissertação de mestrado, conforme já citada acima.

No trabalho de Marandino *et al.* (2009) ao realizar a descrição da exposição anterior a atual, foi possível constatar como os conceitos de Biogeografia, Evolução, Filogenia, diversidade biológica e história da Terra são basilares na narrativa da exposição “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo”. O uso de dioramas, fósseis, grupos de animais que apresentam grande diversidade, cenários e o papel do pesquisador e das pesquisas realizadas no museu estão marcadamente presentes. A descrição oriunda do trabalho de Marandino *et al.* (2009) é relevante para entender as escolhas e a própria história de elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar” que apresentamos na próxima seção. Sobretudo se considerarmos que na atual exposição do MZUSP é possível perceber que muitos dos objetos e conceitos da anterior foram mantidos. Os módulos da nova exposição são exemplos de como as precedentes inspiraram as definições do comitê curatorial<sup>7</sup> formado pelos profissionais do MZUSP.

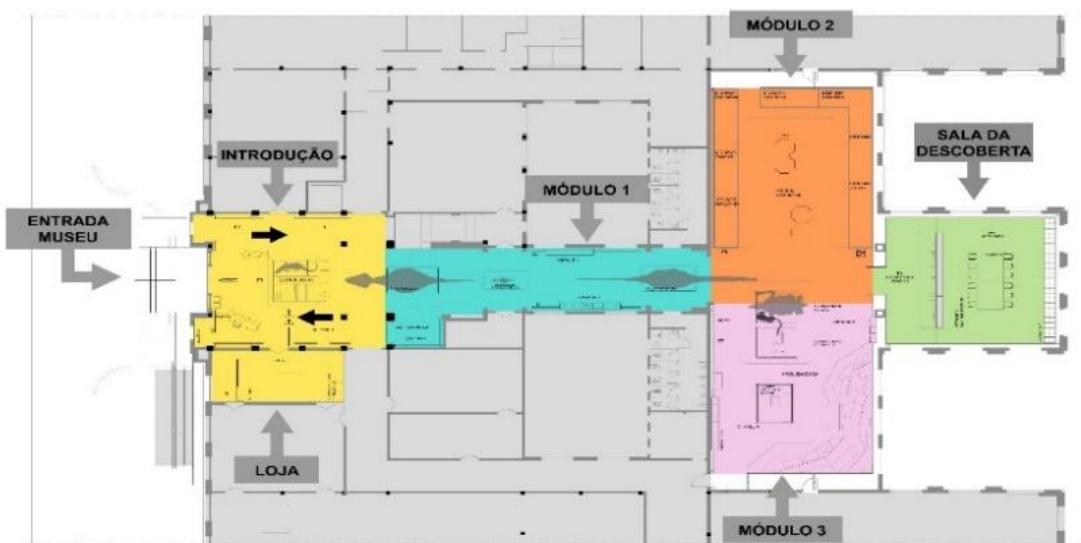
### O MZUSP e a atual exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”

No momento da escrita desse artigo, o MZUSP continua apresentando para o público, a partir de sua coleção, a exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, inaugurada em 2015. Essa exposição aposta na necessidade de o público conhecer, não só a biodiversidade para que seja possível preservá-la, mas também, como a biodiversidade se origina, quais mecanismos evolutivos incidiram sobre os espécimes e que permitiram uma grande diversidade biológica. Além desses tópicos, a exposição promove uma discussão sobre a ação humana sobre o ambiente, interferindo e modificando a biodiversidade zoológica.

---

<sup>7</sup> Para a elaboração e concepção da nova exposição do museu, a DDC que liderou o processo de renovação do salão de exposição, convidou todos os laboratórios do MZUSP para participar de um comitê curatorial para discutir a nova exposição. Além dos laboratórios, havia representação do setor administrativo, discente, museologia e educativo. Todos os setores que participaram deste processo tinham um representante e um suplente neste comitê, garantindo sempre a presença de alguém nas reuniões de elaboração da nova exposição.

A exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar” é organizada em cinco módulos, sendo o início da exposição chamado de “Introdução” e a última sala chamada de “Sala da Descoberta”. Nesta sala, há uma antessala que apresenta ao público a evolução do *Homo sapiens* no planeta. Dessa forma, os módulos ficam assim distribuídos: Introdução; Módulo 1: “História da biodiversidade”, Módulo 2. “Paisagens da biodiversidade”, Módulo 3. “Todos parentes, todos diferentes”; Módulo 4: “Sala da Descoberta”. Ao lado do módulo de Introdução, que fica na entrada do MZUSP, encontra-se uma sala que foi reservada para funcionar a loja do museu, mas que, no entanto, nunca saiu do campo das intenções. Na planta abaixo (Figuras 2) é possível conferir a distribuição dos módulos e da loja do MZUSP.



**Figura 2.** Planta baixa da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”- Vista de cima.

Para iniciar o processo de elaboração e produção da nova exposição do museu, a equipe da Divisão de Difusão Cultural do MZUSP fez, em 2014, um convite a todos os laboratórios para participar das discussões iniciais para a elaboração de uma nova exposição. Na primeira das nove reuniões marcadas para as discussões, foi sugerido que se formasse um comitê curatorial. Esse comitê era composto por representantes de todos os laboratórios/coleções, representante dos estudantes dos cursos de pós-graduação oferecidos pelo MZUSP, representante dos funcionários, representante da administração e seus respectivos suplentes.

Foi a partir destas reuniões, por nós nomeada de “reuniões preparatórias”, que a escolha do tema, do nome, dos módulos e o conceito protagonista da exposição aconteceu. A Divisão de Difusão Cultural (DDC) do MZUSP, era responsável pela organização dessas reuniões e, apresentar no encontro seguinte, a consolidação das discussões anteriores.

Já no primeiro encontro, o comitê curatorial se posiciona de forma a colocar a temática da biodiversidade e as pesquisas realizadas no MZUSP em evidência. A escolha do conceito protagonista – Biodiversidade - foi determinante para a construção do discurso expositivo apresentado ao público. Quando perguntado o motivo pelo qual esse tema foi escolhido, o

entrevistado MZ2 considerara que a biodiversidade é um conceito nuclear no MZUSP e representa de forma particular as pesquisas realizadas pelo conjunto de cientistas do museu ao longo de sua história institucional, e pelo seu extenso acervo zoológico, representados por suas coleções:

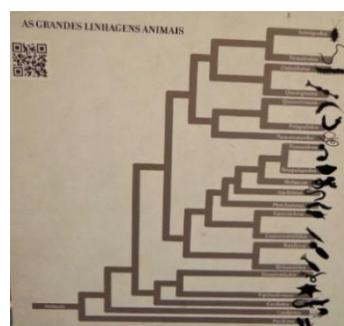
Bom, o grande tema gerador é biodiversidade, que é o que, na verdade, está relacionado com a própria vocação do museu no âmbito da pesquisa que o museu desenvolve, ele é diretamente relacionado com estudos, ele fomenta, inclusive, projetos ligados a questões de biodiversidade, então, para nós era muito importante que ela refletisse um pouco do que é a pesquisa e da relevância do seu acervo. (MZ2)

Outros conceitos foram incorporados à narrativa da exposição com valorização das pesquisas do museu de Zoologia, garantindo assim um espaço de memória institucional. Já nas atividades preparatórias os conceitos como, Evolução, conservação, contexto da espécie humana foram citados como importantes para a comunicação do museu com seu público.

Constata-se aqui que alguns agentes, conhecimentos e tradições atuam definindo qual e como será exposto determinado conteúdo. Isso demonstra, em certa medida, uma relação de poder e controle entre os diferentes atores e conhecimentos acumulados e que estão relacionados, segundo Bernstein (1998), com a divisão social de trabalho que os diferentes sujeitos ocupam no contexto de produção do discurso expositivo. Marandino (2105) afirma que decisões políticas e de gestão são definidoras para decidir quem tem voz ou não na hora de criar o discurso expositivo.

### A exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”.

Conforme já mencionado, a atual exposição é organizada em cinco módulos. No módulo “Introdução”, encontra-se uma discussão sobre quais mecanismos biológicos são importantes para a existência da variedade de espécies no planeta e apresenta conceitos caros para a área da Evolução como seleção natural, diversidade genética e de ecossistemas, seleção sexual, seleção artificial entre outros. Para ajudar no entendimento e dar exemplos destes conceitos, há uma apresentação de grandes grupos zoológicos em uma grande estrutura de ferro, denominado de “gaiola”, que contém uma variedade de espécimes animais e, na parte de cima desta estrutura uma diversidade de pássaros pendurados (Figura 3).



**Figura 3.** Imagem do aparato chamado “gaiola” na entrada do museu, uma placa com informações e de um cladograma. (Foto Marcus Soares)

No módulo 1, “História da biodiversidade”, o objetivo é apresentar a biodiversidade no tempo, mostrando ao visitante as mudanças que ocorreram ao longo dos diferentes períodos geológicos por meio de fósseis, réplicas e esqueletos de dinossauros, além de mapas e textos explicativos das eras geológicas e da deriva continental (Figura 4). Martins (2006) identifica esta mesma discussão e temática, no segundo modulo da exposição anterior:

O espaço do *hall* de entrada [da exposição “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo”], onde estão, além da preguiça uma vitrina com moldes de pegadas de exemplares da megafauna do interior do Brasil, abre-se para um corredor com duas possibilidades de circuito. Uma, na verdade, refere-se ao final do quarto módulo, e a outra é a continuação do segundo, com apresentação de painéis de textos explicativos sobre a conformação da crosta terrestre e sua influência na biodiversidade do planeta. Esse Módulo segue com a apresentação de exemplares de fósseis em vitrinas, acompanhados de etiquetas, e de painéis com textos explicativos afixados nas paredes. (p. 107)



**Figura 4.** Imagem de uma vitrine da atual exposição. (Foto Marcus Soares)

Já no módulo 2, nomeado de “Biodiversidade atual em contexto: Biomas brasileiros”, conforme o nome sugere, é tratado, principalmente, das “paisagens da biodiversidade”. Nele se encontram os dioramas dos diferentes biomas brasileiros – Floresta Amazônica, Pantanal, Pampas, Floresta Atlântica, Cerrado, Caatinga, Águas Continentais e Oceanos. Além dos dioramas, há no centro da sala quatro vitrines, formando duas “ilhas”, com espécimes de animais. Estas espécies possuem relações com os biomas representados pelos dioramas (Figura 5). Na exposição anterior, Martins (2006) revela que esta discussão se encontra no Módulo quatro.

No último Módulo [da exposição “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo”], o quarto, são apresentados, por meio de cenarizações, a fauna da região neotropical, dividida em ambientes diversos: Mata Atlântica, Amazônia, Cerrado, Caatinga e ambiente marinho. Além disso, um grande mapa da região neotropical encontra-se afixado no solo; e no teto estão penduradas espécimes de aves migratórias. (p. 109)

No módulo 3 intitulado de “Todos parentes, todos diferentes” aborda a relação de parentesco entre as diferentes espécies. Umas mais próximas evolutivamente, em que o ser humano compartilha ancestrais mais recentes, e outras mais distantes. De qualquer forma é mostrado que os humanos possuem antepassados remotos, mas que ainda evidenciam uma origem comum. Para legitimar essa teoria, o Museu faz uso de cladograma exibindo a relação de

parentesco de seres vivos hipotéticos, repertório utilizado no módulo III da antiga exposição (Martins, 2006). Logo no início deste módulo existe uma pequena “ilha” com alguns esqueletos de animais que evidenciam um momento de transição entre o módulo 1, que discute a História da biodiversidade e Extinção em Massa, e o módulo 3, que debate a biodiversidade na atualidade. Nessa “ilha” encontram-se os esqueletos da preguiça-gigante e do tigre-dente-de-sabre, também utilizados no módulo I da Exposição “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo”, anterior à atual. Além desses objetos, há placas com textos que abordam o período do Antropoceno e a Extinção no período do Holoceno (Figura 6).



**Figura 5.** Imagem de um Diorama, geral da sala e de um conjunto de vitrines da atual exposição. (Foto Marcus Soares)

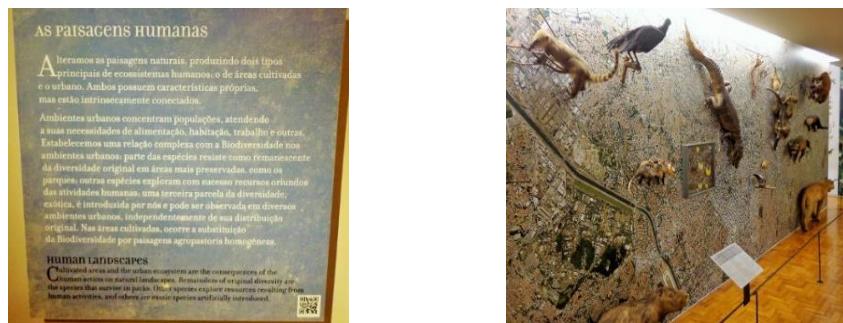


**Figura 6.** imagem da placa de texto da entrada do Módulo 3, da ilha com a Preguiça Gigante e o Tigre-dente-de-sabre, e uma placa com informação sobre o Holoceno da atual exposição. (Foto Marcus Soares)

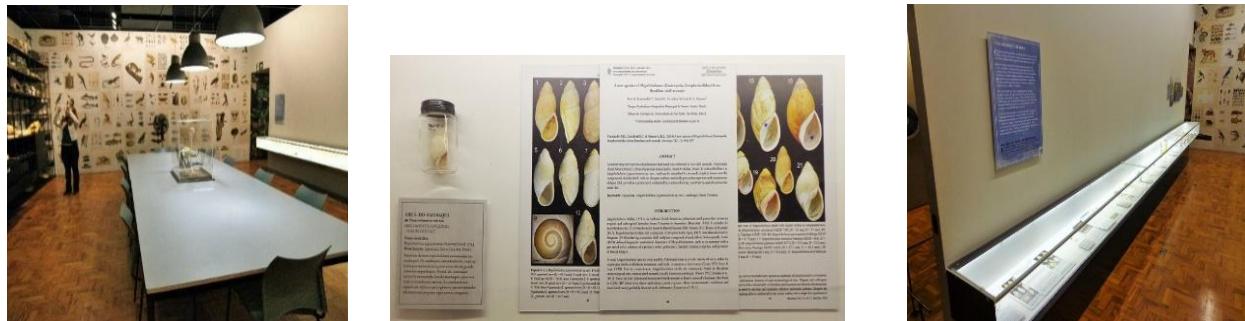
O último espaço de visitação localiza-se na parte final do museu. Esse espaço foi dividido em dois: uma antessala e um salão. A antessala se tornou o módulo onde o museu busca colocar o ser humano em contexto, interferindo e criando novos ambientes; já o salão deu origem à “Sala da descoberta”. Para ter acesso a esse conjunto de antessala e salão, o visitante passa por um portal que anuncia uma mudança de espaço e de narrativa. Até o momento, a narrativa das salas aqui descritas era pautada pela exposição maciça de espécimes e esqueletos de animais. Como já dito, a narrativa está focada na relação do ser humano e a biodiversidade (Figura 7).

Na Sala da descoberta há um balcão vitrine onde se encontram diversos artigos científicos, escritos em inglês, que foram produzidos por pesquisadores do MZUSP e publicados em revistas científicas (Figura 8). Além dos artigos, há ainda na outra extremidade da vitrine uma coleção de espécimes de mariposas. Martins (2006) relata que no módulo III da antiga exposição havia:

algumas vitrinas apresentam o trabalho do zoólogo, mostrando equipamentos de coleta e pesquisa, além de livros e **periódicos acadêmicos (grifo nosso)** onde os pesquisadores da casa publicam seus trabalhos. (p. 109)



**Figura 7.** Imagem da placa da entrada do salão e do mapa da grande São Paulo e parte da fauna da cidade que sofre interferência humana. (Foto Marcus Soares)



**Figura 8.** Imagem geral da Sala da Descoberta, do artigo na vitrine e a grande vitrine da atual exposição (Foto Marcus Soares)

Ao analisar a descrição anterior dos módulos e observando o detalhamento de cada um, podemos encontrar similaridades nos conteúdos e ideias da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, com a descrição da exposição “Pesquisa em Zoologia: a biodiversidade sob o olhar do zoólogo” feita por Martins (2006).

Retomando a história das exposições predecessoras do MZUSP, em setembro de 2011, novos problemas na infraestrutura obrigaram o museu fechar suas portas novamente, encerrando as atividades de atendimento ao público. O fechamento da instituição aconteceu, principalmente, por conta de uma grande reforma estrutural que era necessária em suas dependências, envolvendo a renovação da rede elétrica, da rede de cabos de dados e uma grande reforma no telhado da instituição. Com o fechamento, aproveitou-se esse momento para realizar um inventário dos animais que faziam parte da exposição, com objetivo de

catalogação das espécies e descoberta de suas origens. Os animais expostos faziam parte das coleções científicas dos diferentes laboratórios ou da coleção da própria museologia, que fica sob a guarda da DDC.

Ao ser entrevistado, MZ1, afirma que o fechamento do museu nesse período permitiu que uma nova oportunidade se abrisse para a equipe da DDC. Ele relata que no ano de 2012 aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20<sup>8</sup>, e durante o evento o MZUSP foi convidado a montar uma exposição sobre biodiversidade, na Estação Ciência da USP. O convite foi aceito e o museu concebeu uma exposição centrada no acervo e que se chamava “Biodiversidade: fique de olho”. Segundo o entrevistado, essa exposição funcionou como um “ensaio geral” para o que seria montado futuramente nas dependências do museu, visto que a equipe da DDC era composta por funcionários que haviam ingressado na instituição recentemente. Nessa exposição a discussão tinha como mote a biodiversidade e sua constante transformação (Figura 9).



**Figura 9.** Imagens da exposição “Biodiversidade: fique de olho” – Foto de Mariana Afonso (<https://www.mariaafonso.com.br/projeto/port/biodiversidade-fique-de-olho->)

A importância da elaboração da exposição “Biodiversidade: fique de olho” foi também destacada por outro entrevistado (MZ4). Segundo ele, essa experiência foi fundamental para a criação da nova exposição permanente do MZUSP, pois ao criar a exposição temporária para o evento da Rio+20, foi possível oferecer ao público um acesso ao acervo do museu fora de seu espaço/local. Ele menciona, também, que a exposição temporária tinha um discurso mais ligado às questões relacionadas à sustentabilidade e chamava a atenção para que o público prestasse a atenção à biodiversidade, daí a origem do nome da exposição. Já na exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, isso é dito, mas de outra forma, levando a pesquisa para compor a narrativa da exposição.

[...] um estopim que apareceu biodiversidade. Então, a gente já tinha feito uma outra exposição anterior chamada “Biodiversidade, Fique de Olho”, que foi quando a gente estava fechado [...] foi uma exposição temporária que foi realizada na Estação Ciência. [...] ela tinha toda uma pegada, assim, sustentável, a parte do mobiliário, ele era reciclado, com madeira

<sup>8</sup> A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, foi realizada de 13 a 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. A Rio+20 foi assim conhecida porque marcou os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) e contribuiu para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas.

reciclada e ele abrangia bastante coisa de atenção na biodiversidade. Aí eu acho que ela teve um pouco, talvez, de influência nessa nova exposição, né, aqui do Museu de Zoologia, porque já vinha esse tema, acho que aí esse tema foi levado mais para parte de pesquisa agora nessa nova exposição. (MZ4)

O fato de o conceito de biodiversidade ser escolhido como tema central da exposição temporária acima citada, é um elemento que influenciou na decisão do tema principal da atual exposição do MZUSP. Isso mostra como essa temática é cara para o conjunto de pesquisadores do museu e que de certa forma, conceber uma exposição com o mesmo tema já refletia o desejo do museu e da equipe da DDC em continuar explorando o conceito.

O entrevistado MZ2 também considerara que a biodiversidade é um conceito de grande importância no MZUSP e representa de forma particular as pesquisas realizadas pelo conjunto de cientistas do museu ao longo de sua história institucional, e pelo seu extenso acervo zoológico, representados por suas coleções.

Bom, o grande tema gerador é biodiversidade, que é o que, na verdade, está relacionado com a própria vocação do museu no âmbito da pesquisa que o museu desenvolve, ele é diretamente relacionado com estudos, ele fomenta, inclusive, projetos ligados a questões de biodiversidade, então, para nós era muito importante que ela refletisse um pouco do que é a pesquisa e da relevância do seu acervo. (MZ2)

Como visto, diversos conceitos foram incorporados à narrativa da exposição e que valorizam as pesquisas do museu de Zoologia. Antigas exposições de longa duração e a exposições temporárias seguiam a mesma linha de narrativa e temática das anteriores. Nas reuniões que ocorreram para a concepção do projeto expositivo, conceitos como Evolução, Conservação, contexto da espécie humana foram citados como importantes para a comunicação do museu com seu público. Nesse caso, esses discursos aliados à história institucional e o ideário científico que pauta as pesquisas no MZUSP, que se centram na temática da biodiversidade são componentes relevantes para os sujeitos que planejaram e conceberam a exposição. Estes sujeitos, por meio dos pesquisadores, a equipe técnica do museu e, consequentemente suas filiações teóricas, selecionam ou silenciam determinados conteúdos da exposição.

## Conclusão

A partir dos dados apresentados e das análises realizadas, foi possível efetuar algumas reflexões dialogando sobretudo com os conceitos teóricos de Basil Bernstein. Operamos com o entendimento de que a construção do discurso expositivo ocorre de forma análoga ao modelo de conformação do discurso pedagógico defendido por Bersntein (1996). Para a constituição do discurso expositivo, diferentes instâncias e agentes são reguladoras do *que* e do *como* será o discurso expositivo final. Essa compreensão se mostrou apropriada para realizar a análise dos dados, visto que colocado em diálogo com os depoimentos dos entrevistados, a história institucional e de construção de suas exposições, o material impresso e os registros fotográficos, possibilitou-nos mapear os agentes e as agências que regularam a formação do discurso expositivo, assim como, permitiu identificar domínios e discursos específicos definidores para a elaboração deste discurso.

Ao olhar a história expositiva do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, concluímos que houve um caráter seletivo de determinadas memórias institucionais quando o museu e seus agentes enaltecem suas tradições de pesquisa, suas tradições nas formas de expor e de usar os objetos de seu acervo, oriundos de diferentes coleções zoológicas. Nesse sentido, concordamos com autores que ratificam o papel dos museus como centros de memória e de disputas de força (Le Goff, 1990; Lima, 2008, Chagas, 2011). Vale destacar que esse caráter seletivo da memória não é somente de natureza institucional, mas explicita um campo específico do saber e das práticas museais, que se materializa por meio do uso dos dioramas e de animais taxidermizados em sua exposição. O MZUSP enquanto território de memória, parece mesmo cumprir o papel de manter e transmitir determinadas heranças culturais relacionadas aos caminhos da História Natural, da Biologia, da Taxonomia e o conhecimento particular do ofício da taxidermia.

A compreensão de que os museus não são espaços somente de memória e poder (Chagas, 2011) e, de que as exposições ao serem concebidas não são constituídas por discursos neutros e, portanto, não estão livres de intencionalidades (Studart, 2006), ajudaram em nossas reflexões. As escolhas realizadas no processo de elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, do MZUSP, demonstram relações de poder, intenções e disputas por discursos que se encontram mais direcionados para determinadas áreas do conhecimento, como a Ecologia, Evolução e Sistemática. Essa intencionalidade ou a não-neutralidade acontece devido ao fato de que as exposições são construções sociais, frutos de processos de negociação entre diferentes sujeitos, conhecimentos e instituições, interesses econômicos e alianças sociais de poder.

Concluímos, também, que outra instância importante na elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, foram as antigas exposições do MZUSP. O fato de a equipe do museu já possuir experiência em exposições que apresentavam o tema da biodiversidade, certamente, foi um fator que concorreu nessa elaboração. Uma dessas ações foi a exposição de longa duração anterior à atual, que, apesar de ter o enfoque no trabalho do zoólogo, parte da estrutura narrativa (objetos, dioramas, espécimes, ideias, etc..) foi mantida ou incorporada, portanto, ressignificada na exposição objeto de estudo deste artigo. Temas como a megafauna do Estado de São Paulo, a deriva continental e a biodiversidade na pré-história, entre outros, também se mostram presentes na atual exposição. Uma outra ação educativa e comunicativa do MZUSP que contribuiu na elaboração da exposição “Biodiversidade: conhecer para preservar”, foi a exposição temporária “Biodiversidade: fique de olho”. Dela foram aproveitados etiquetas, espécimes e textos para a nova exposição de longa duração do museu de Zoologia. Mais do que terem sido aproveitados, tais elementos não somente exerceram influência, mas ao serem incorporados, na narrativa da atual exposição, certamente, sofreram ajustes e releituras. Isto evidencia o que Bernstein (1996) defende quando diz que o discurso pedagógico, aqui entendido como o discurso expositivo, é constituído por diferentes discursos que foram deslocados, refocados, reposicionados constituindo assim, o processo de recontextualização de um determinado texto. Ou seja, o processo de elaboração da nova exposição não “inaugurou” ou criou uma narrativa “puramente” genuína sobre a biodiversidade. A nova exposição produziu novos sentidos com

base na narrativa anterior e nos demais repertórios de saberes e de práticas de seus elaboradores que responderam a exigências científica atualizadas.

Finalizamos este artigo ponderando que a relação da temática da diversidade biológica em museus de História Natural foi forjada na própria historiografia destas instituições que tinham como características principais a guarda, o estudo e a apresentação de um grande e variado acervo de espécies do mundo natural. Com o surgimento de disciplinas como a Ecologia e os estudos relacionados à Evolução, e as formas em que elas operam, ganhando força ao longo do século XX, os debates sobre a origem da diversidade de seres vivos se ampliam e foram ressignificados. Os museus de história natural incorporam essas discussões em suas pesquisas e, consequentemente, em suas exposições, dando apporte teórico para apresentação do tema da biodiversidade. Por fim, a biodiversidade como conceito permanece como parâmetro para refletir e refratar as exigências do tempo em que as exposições são produzidas.

## Agradecimentos

Agradecemos a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela Bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (Processo: PDSE 88881.190432/2018-01) e, também, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Pesquisa (processo 140977/2016-3) do edital GM/GD-Cotas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, ambas concedidas ao primeiro autor.

## Referências

- Achiam, M., & Marandino, M. (2013). A framework for understanding the conditions of science representation and dissemination in museums. *Museum Management and Curatorship*, 29(1), 66-82. <https://doi.org/10.1080/0964775.2013.869855>
- Almeida, A. M. (2004). Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. *Anais do Museu Paulista*, 12, 271-306. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142004000100020>
- Alves, M. J., Bastos-Silveira, C., Cartaxana, A., Carvalho, D., Catry, T., Correia, A. M., Granadeiro, J. P., Lopes, L. F., Marques, P. A. M., Mesquita, N., & Rebelo, R. (2014). As coleções zoológicas do museu nacional de história natural e da ciência. In C. Almaça (Ed.). *Professor Carlos Almaça (1934-2010) - Estado da Arte em Áreas Científicas do Seu Interesse* (pp. 289-301). Museu Nacional de História Natural e da Ciência.
- Batista, A. M. F., Oliveira, D. A., Silva, P. A., & Oliveira, R. (2021). *Quando o museu vai à favela e a favela vai ao museu: Ações Territorializadas do Museu da Vida*. Fiocruz – COC. <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes>
- Bernstein, B. (1988). *Poder, educación y conciencia: Sociología de la transmisión cultural*. CIDE.
- Bernstein, B. (1996). *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*. Vozes.
- Bernstein, B. (1998). *Pedagogía, control simbólico e identidad*. Morata, Paideia,
- Carlins, C. L. (2015). A Natural Curiosity: evolution in the display of natural history museums. *Journal of Natural Science Collections*, 2, 13-21.
- Cazelli, S. (2005). *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?* [Tese Doutorado do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ] Repositório Institucional da PUC-RJ. [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7122/7122\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7122/7122_1.PDF)

- Chagas, M. (2007). Casas e portas da memória e do patrimônio. *Em Questão*. Porto Alegre, 13(2), 207-224. <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2980/2017>
- Davallon, J. (2010). Comunicação e sociedade: pensar a concepção da exposição. In A. M. Magalhães, R. Z. Bezerra, & S. F. Benchetrit (Orgs.). *Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo*. Museu Histórico Nacional.
- Hein, G. E. (1998). *Learning in the museum*. Routledge.
- Landim, M. I. (2011). Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: adaptação aos novos tempos. *Estudos Avançados*, 25(73), 205-216. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10562>
- Le Goff, J. (2003). *História e memória*. (pp. 366-419). Unicamp.
- Lima, D. F. C. (2008) Herança Cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releituras e reflexões. *Revista Museologia e Patrimônio*, 1(1), 33-43. <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/160>
- Lopes, M. M. (2009). *O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. Hucitec.
- Marandino, M. (2001). *Conhecimento biológico nas exposições de museus de ciência: análise do processo de construção do discurso expositivo*. [Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional do Grupo de Estudos de Educação Não Formal e Divulgação em Ciências – GEENF. [http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/09/marandino\\_2001.pdf](http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/09/marandino_2001.pdf)
- Marandino, M., Fernandes, A. B., Martins, L. C., Chelini, M. J., Souza, M. P. C., Silveira, R. V. M., Garcia, V. A. R., Lourenço, M. F., Iannini, A. M. N., Fares, D., Elazari, J. L., Soares, M., Mônaco, L., & Bazan, S. (2009). Sobre qual Biodiversidade as exposições de museus falam? Um estudo de caso no museu de zoologia/USP. In: M. Marandino, A. M. Almeida, & M. E. A. Valente (Orgs.). *Museu: lugar do público*. (pp. 27-46). Fiocruz.
- Marandino, M. (2005). Museus de Ciências como Espaços de Educação In: B. G. Figueiredo & D. G. Vidal (Orgs.). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. (pp. 165-176). Argumentum.
- Marandino, M. (2015). Análise sociológica da didática museal: os sujeitos pedagógicos e a dinâmica de constituição do discurso expositivo. *Educação e Pesquisa*, 41(3), 695-712. <https://www.scielo.br/j/ep/a/9zLb84f7RnGgQPb7FGGF4G/abstract/?lang=pt>
- Martins, L. C. (2006). *A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP*. [Dissertação de mestrado na Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da Universidade de São Paulo. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19062007-152057/publico/DissertacaoLucianaConrradoMartins.pdf>
- Martins, L. C. (2011) *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia*. [Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da Universidade de São Paulo. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/publico/LUCIANA\\_CONRADO\\_MARTINS.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/publico/LUCIANA_CONRADO_MARTINS.pdf)
- Morais, S. de B. R., & Gomes de Souza Reis, M. A. (2021). Inclusão em Museus e Diversidade: entre Conceitos e Práticas. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 10(20), 11-15. <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/40562/31567>
- Mortensen, M. (2010). *Exhibit engineering: a new research perspective*. [Doctoral Dissertation. Department of Science Education University of Copenhagen], Copenhagen.
- Pugliese, A. (2015). *Os museus de ciências e os cursos de licenciatura em ciências biológicas: o papel desses espaços na formação inicial de professores*. [Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da Universidade de São Paulo. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05042016-132945/publico/ADRIANA\\_PUGLIESE\\_rev.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05042016-132945/publico/ADRIANA_PUGLIESE_rev.pdf)

- Souza, M. P. C. (2017). *O discurso expositivo sobre biodiversidade e conservação em exposições de imersão*. [Tese de Doutorado da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da Universidade de São Paulo. [http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/09/Souza\\_tese\\_2017c-baixa.pdf](http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/09/Souza_tese_2017c-baixa.pdf)
- Schawrcz, L. M. (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. Companhia das Letras.
- Studart, D. C., & Valente, M. E. (2006). Museografia e Público. In M. Granato & C. P. Santos (Orgs.). *Discussindo Exposições: conceito, construção e avaliação / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST*. (pp.99-120). MAST. [https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/2006/mast\\_colloquia\\_8.pdf](https://www.gov.br/mast/pt-br/imagens/publicacoes/2006/mast_colloquia_8.pdf)
- Valente, M. E. A. (1995). *A Educação em Museu: o público de hoje no museu de ontem*. [Dissertação de Mestrado do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ]. Repositório Institucional da PUC-RJ.
- Valente, M. E. A. (2003). A conquista do caráter público do museu. In G. Gouvêa, M. Marandino, & M. C. Leal (Orgs.). *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. (pp. 21-46). Access.
- Valente, M. E. A. (2008). *Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970*. [Tese de Doutorado do Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Institucional da Universidade de Campinas. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2009.436368>